

Orientações para a inclusão do aluno com deficiência visual

E-mail NAPNEE: napne.vdc@ifba.edu.br.

Cego não é o deficiente visual; mas sim aquele que a plena luz do dia anda na escuridão de suas indecisões e objetivos.

Mateus Neto

1. Noções básicas: Orientação e Mobilidade

Para o trabalho de inclusão do deficiente visual na escola, é importante, professor, compreender os conceitos a seguir:

A ORIENTAÇÃO é o processo de utilizar os sentidos remanescentes para estabelecer a própria posição e o relacionamento com outros objetos significativos no meio ambiente (WEISHALN, 1990 apud MAZZARO, 2003, p. 17).

A MOBILIDADE é a habilidade de locomover-se com segurança, eficiência e conforto no meio ambiente, através da utilização dos sentidos remanescentes (WEISHALN, 1990 apud MAZZARO, 2003, p. 18).

Os sentidos remanescentes envolvem as percepções não visuais (audição, tato, olfato, memória muscular, sentido vestibular).

- Toda vez que houver mudanças no espaço da sala de aula, o aluno com deficiência visual tem necessidade de nova orientação;
- O processo de Orientação tem como princípios três questões básicas: Onde estou? Para onde quero ir? Como vou chegar ao local desejado?
- No processo de Orientação do deficiente visual, é sempre necessário facilitar-lhe a Mobilidade por meio de: pontos de referência, pistas, medição, pontos cardeais, auto-familiarização e “leitura de rotas”.
- “Para a pessoa cega se movimentar de um ponto para outro é preciso não apenas “ler ou seguir rotas”, mas estar alerta, orientada em relação ao seu destino, construindo, mesmo involuntariamente, um mapa mental da mudança”. (MAZZARO, 2003, p. 18)___

- É de extrema importância que o aluno vivencie o espaço para compreendê-lo. No caso da sala de aula, os pontos mais importantes são: a porta, a mesa do professor, a carteira do aluno deficiente visualas demais carteiras e as janelas.

2. Nas aulas

- A apresentação inicial do professor ao aluno é importante, visto que o aluno cego identificará seu professor pelo reconhecimento de sua voz;
- Conhecimento da história deste aprendiz (quando perdeu a visão, estratégias de estudo já construídas, instituição que o acompanha, se possui memória visual, se necessita de material ampliado, se trabalha com Braile ou com softwares, etc.);
- O conteúdo programático deve ser disponibilizado de forma digital ou em Braile;
- Os textos e demais leituras que serão solicitados aos alunos devem ser convertidos a formatos acessíveis (Braile, áudio, texto eletrônico - email, doc. em disquete, CD, forma ampliada, etc.);
- Quando forem trabalhadas imagens, explorar a fala narrativa e descritiva;
- Quando forem trabalhados equipamentos, explorar a fala descritiva e o tato;
- Caso o aluno deseje gravar (em áudio ou vídeo) a aula, ele deve obter autorização do professor em questão – o professor tem direito autoral sobre a sua aula;
- As atividades predominantemente visuais devem ser adaptadas com antecedência e também durante a sua realização por meio de descrição, informação tátil, auditiva, olfativa e qualquer outra referência que favoreçam a configuração do cenário ou do ambiente. É o caso, por exemplo, de exibição de filmes ou documentários, excursões, exposições e charges, tirinhas, anúncios dentre outros;
- A apresentação de vídeo requer a descrição oral de imagens, cenas mudas e leitura de legenda simultânea se não houver dublagem para que as lacunas sejam preenchidas com dados da realidade e não apenas com a imaginação;
- É recomendável apresentar um resumo ou contextualizar a atividade programada para esses alunos;
- Os esquemas, símbolos e diagramas presentes nas diversas disciplinas devem ser descritos oralmente;
- Os desenhos, os gráficos e as ilustrações devem ser adaptados e representados em relevo;
- O ensino de língua estrangeira deve priorizar a conversação em detrimento de recursos didáticos visuais que devem ser explicados verbalmente;
- Experimentos de ciências e biologia devem remeter ao conhecimento por meio de outros canais de coleta de informação;
- As atividades de educação física podem ser adaptadas com o uso de barras, cordas, bolas com guiso etc. O aluno deve ficar próximo do professor que recorrerá a ele para demonstrar

os exercícios ao mesmo tempo em que ele aprende.

3. Na avaliação

- Importa considerar a flexibilização da metodologia de avaliação conforme histórico do/a aluno/a (sabe Braille, utiliza softwares - DOSVOX, JAWS ou Virtual Vision -, utiliza reglete ou máquina Braille, necessita de material ampliado, etc.);
- Devem ser exploradas as potencialidades da pessoa – foco na habilidade, não na deficiência, sem minimizar o grau de exigência;
- Convém observar a necessidade de estender o tempo da avaliação, considerando-se as peculiaridades já mencionadas em relação à percepção não visual.
- Os alunos podem realizar trabalhos e tarefas escolares utilizando a máquina de escrever em braille ou o computador, sempre que possível.
- O aluno ou professor, ao optar por uma forma adaptada de prova ou por algum apoio pedagógico, deve solicitar estes recursos ao NAPNEE (com antecedência mínima de 10 dias) junto à coordenação do curso.

4. Referências

- BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado: deficiência visual**. Brasília, 2007.
- MAZZARO, José Luiz. Mas, afinal, o que é orientação e mobilidade? In: BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **Orientação e Mobilidade: conhecimentos básico para a inclusão da pessoa com deficiência visual**. Brasília, 2003.
- <http://portal.metodista.br/assessoria-para-inclusao/dicas/orientacoes-imediatas-para-a-inclusao-do-aluno-com-deficiencia-visual-em-sala-de-aula>